



SCHÄFFER, Gabrieli - URI-FW¹
CASSOL, Claudionei Vicente - URI-
-FW²

BIOFOSIA COMO SENTIDO INTEGRAL PENSAR, SENTIR E VIVER

Resumo: Viver com sabedoria, nesses tempos em que se compartilha, tem sido um dos maiores desafios da humanidade. Conciliar razão e emoção e harmonizá-las sem deixar de aproveitar as possibilidades que cada uma dessas dimensões indica, sugere grandes oportunidades para a manutenção e defesa da vida, compreendendo a comunicação como algo fundamental para a sobrevivência, levando em consideração a subjetividade de cada pessoa. Ao pensar o passado como explicação para o hoje, muitas vezes se desenvolvem equívocos na crença de que tudo que já aconteceu deve ser deixado de lado, sendo considerado somente o presente, as inovações. É necessária a compreensão de que, o que realmente deve acontecer é uma análise dessas situações, a fim de perceber o que pode ser conservado e revitalizado, a fim de ser qualificado para a utilização no presente. Analisando-as foi possível compreender aspectos fundamentais para todas as etapas da educação na chave epistemológica da vida com sabedoria com sugestões de serem repensados, almejando a formação de cidadãos e cidadãs com atitudes mais críticas, sedentas por autonomia, gestos de empatia e que façam a mudança acontecer no ambiente onde estão, com racionalidade e emotividade. Ao partir de tal pressuposto, este ensaio visa apresentar elementos que podem ser considerados, nas situações do cotidiano ao abrir espaços para uma breve conceituação no processo de construção dos conhecimentos indispensáveis à existência, à construção de novas perspectivas não fragmentadoras e aos aprendizados necessários nos tempos e espaços que a humanidade procura manter e desenvolver a vida. Esta reflexão baseia-se em pensadores como Morin (2015), Ranieri (2012), Rezende (2006), entre outros e utiliza-se de metodologia hermenêutica para o desenvolvimento da análise, sem descuidar da aproximação dialógica com a análise crítico-dialética.

Palavras-chave: Biosofia. Sabedoria. Vida. Comunicação. Educação.

Abstract: Living wisely, in these times that is shared, has been one of humanity's greatest challenges. Reconciling reason and emotion and harmonizing them while taking advantage of the possibilities that each of these dimensions indicates, suggests great opportunities for the maintenance and defense of life, understanding communication as something fundamental for survival taking into account the subjectivity of each person. When thinking of the past as an explanation for today, misconceptions often develop in the belief that everything that has already happened must be left aside, being considered only the present, innovations. It is necessary to understand that what really should happen is an analysis of these situations, in order to understand what can be conserved and revitalized in order to be qualified for use in the present. Analyzing it, it was possible to understand fundamental aspects for all stages of education in the epistemological key of life wisely with suggestions to be rethought, aiming at the formation of citi-

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: biosofia, sabedoria, vida, comunicação, educação, autismo, família, sociedade, escola, inclusão, professor, aluno, aprendiz e neurociência, formação de professores.

² Pós-Doutorado em Educação nas Ciências (Unijuí - 2020), Doutor em Educação nas Ciências (Unijuí - 2018); Mestre em Educação (Unisinos, 2006); Licenciado em Filosofia, História Psicologia da Educação (FAFIMC - 1989). Professor no CE Dr Dorvalino Luciano de Souza (Cerro Grande-RS) e na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (Campus de Frederico Westphalen - RS).

zens and citizens of more critical attitudes, thirsty for autonomy, gestures of empathy and that make change happen in the environment where they are, with rationality and emotionality. Based on this assumption, this essay aims to present elements that can be considered in everyday situations by opening spaces for a brief conceptualization in the process of construction of the knowledge indispensable to existence, the construction of new non-fragmenting perspectives and the necessary learning in the times and spaces that humanity seeks to maintain and develop life. This reflection is based on thinkers such as Morin (2015), Ranieri (2012), Rezende (2006), among others, and uses hermeneutic methodology for the development of analysis, without neglecting the dialogical approximation with critical-dialectical analysis.

Keywords: Biosophy. Wisdom. Life. Communication. Education.

INTRODUÇÃO

Para o senso comum, os sentidos do termo *biosofia* – que buscamos significar no projeto de iniciação científica denominado *Biosofia: para além do biológico e do instrumental* – podem indicar multiplicidades de apropriações, o que não é de todo descabido se as perspectivas mantiverem a centralidade na vida, desde um horizonte conceitual e vivencial ampliado para além de apenas o biológico e, se colocando distante do instrumental, do funcional, apenas. Ao pensar em biosofia, neologismo que identifica o Grupo de Pesquisas e o Núcleo de Estudos da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Frederico Westphalen-RS, registrado no CNPq, pretende-se estudá-lo para ampliar e constituir significados na dinâmica da práxis e da filosofia social.

Desse modo, entre as ações que caracterizam o projeto e as preocupações do Grupo Biosofia, se encontram a leitura de textos indicativos da temática, ampliando sentidos para além das atribuições superficiais e superficializadoras; discutir aproximações potencializadoras do alargamento conceitual e dialogar acerca das possibilidades de ação comprometidas com a sabedoria na/da/para a vida.

Desse modo, nos parece que poten-

cializar o poder, a autoridade e a possibilidade de cada ser para efetivar transformações, ações, no horizonte da práxis, de certo modo, é fazer/agir com alguma coisa, ter atitude e posição sócio-filosófica e política, necessárias para pesquisar a complexidade do termo e assumir a *biosofia* como sabedoria para a vida. A vida precisa de ação e de reflexão. É necessário ocupar todos os espaços de poder e fazê-los acontecer na radicalidade das ações de cuidado. *Biosofia*, se mostra, então, para além da sensualidade comum, compromisso com a vida - em seu sentido lato -, com o outro/com a outra, com os mundos, pois não nos é mais permitido procrastinar em questões vitais. É agora, é imediato, neste momento e espaço, na função e missão que cada um/uma desenvolve que a ação biosófica deve se dar: uma espécie de ação e reflexão. Por isso é dialética, mas nesse movimento, incorpora novos sentidos, então, é igualmente, hermenêutica. Protelar não é possibilidade quando se trata de *Biosofia* - de sabedoria de vida - porque há uma implicação direta com o cuidado, com o outro/a outra, com a vida, com os mundos, as atitudes e compreensões das pessoas. O compromisso é permanente, ininterrupto. Exercício da liberdade na práxis política e sócio-filosófica em prol da vida e sua qualidade nas relações existenciais.

Ao pensarmos em *Biosofia*, a preocupação é com a radicalidade do compromisso individual e social das nossas escolhas, das nossas ações e, portanto, das nossas compreensões. Toda tentativa de protelar, de adiamento ou afrouxamento nas capacidades cognitivas e afetivas que nos ligam à vida, já se constitui em falha. Portanto, problemas éticos porque a vida requer a ação, o pensar, a práxis, sem tardança, imediata, mas ampla e profundamente mediata. Postergar ações de defesa, manutenção, preservação da vida e, também do compromisso que envolve cada ser humano, suas atitudes, é incorrer no descaso. Portanto, *bioso-*

fia é um chamamento para o agora porque a exigência é a vida e ela clama por continuar à medida que exige escolhas. Com a vida, a justiça, o cuidado, o ético, a igualdade de oportunidade e espaços, as diferenças de ser, de entendimentos, de compreensões, de metodologias, se faz real, concreta, palpável e suscita imaginários, invoca linguagens e estabelece responsabilidades.

Desse modo, pensar *biosofia* equivale a não indicar algo novo e substancialmente essencial ou absolutamente verdadeiro porque a dinâmica vital está assentada na ambivalência, na incerteza e no aleatório. Vida é caminho de segurança e de liberdade. Compreende-se dessa forma porque é a elevação da necessidade de pensar para criar, produzir, construir, situações mais consistentes de existência, de compreensões, de relações que transitem pelas instâncias do diálogo e da solidariedade. Por isso, é preciso posicionamento no pensar e no agir em relação à condição humana e à ética, nessa relação, compreendida como costume, não pode mais ser considerada na sua simplificação e relativismo espontaneísta, porque, então, justifica qualquer ação. Se ética é costume e o costume é “dar um jeito – crê a lei de Gerson – para tudo ou, mesmo, para algumas situações, impondo condições, não é possível vida em sentido ampliado nessa relação. A *biosofia* questiona o costume da ética, o lugar da ética, a própria compreensão da ética, da moral e da legislação. O que nos assegura, nesta deficiência de âncoras? A permanência do diálogo e a compreensão solidária da existência. Estamos comprometidos uns/umas com os/as outros/as.

Essas primeiras provocações enfrentam os costumes, as tradições, as heranças e confrontam o passado como fonte de tudo, especialmente, de tudo o que foi, é, e pode continuar a ser o bom. Uma espécie de retrotopia, como define Zygmunt Bauman (2017). Surgem, então, interrogações: esquecer a história, o passado, as tradições?

Parece sensato não revitalizar tudo que foi conservado do passado e é para isso que os humanos são dotados de racionalidade, de capacidade crítica, de reflexão e de habilidades comunicativas. Repensar o que é ensinado e o que é aprendido, juntamente com a forma como é ensinado e aprendido e as intencionalidades desses movimentos, pode permitir maneiras de identificar lacunas nas relações e nos processos educacionais, vivenciais, científicos, subjetivos, que atentam contra a dimensão da vida e das experiências que qualificam o viver e a existência humana e dos seres do mundo compartilhado.

Parece ser esse um modo necessário para que os indivíduos estejam aptos a interpretar o que lhes é ofertado, analisar os conteúdos, os métodos, os alcances, as consequências das teorias e das práticas, com métodos mais reflexivos, críticos e conscientes das impossibilidades de conhecer o todo em uma única vez e, talvez, de não conhecê-lo jamais. Mas o esforço é próprio do humano, da condição humana que busca sabedoria, que quer organizar, regular, planejar sua existência. Então o conhecimento, o esforço por conhecer, por saber, é contínuo como a vida, como a existência. Cremos que decorre dessa compreensão, a ideia de que há uma grande demanda por profissionais capacitados/as para trabalhar com pessoas, ou seja, que saibam se comunicar e compreender com quem estão dialogando, que se comprometam. O cuidado com a alteridade - o outro/a outra - passou a ser uma profissão dos nossos tempos e, distancia-se, cada vez mais, das atitudes cotidianas das pessoas, inclusive das mais próximas, das famílias, dos descendentes com seus/suas genitores/as. Parece que se instalaram rupturas vitais que fragmentam as relações e compreensões éticas, os compromissos com a vida e com as existências tanto dos semelhantes, quanto da casa comum, o ambiente onde vivemos.

A proposta, em sua abordagem, uti-

liza o método dedutivo, pois que, partindo de um princípio ontológico, pretende discutir possibilidades de condução para reforçar a legitimidade e o referencial conceitual de *biosofia* enquanto promoção da ética do cuidado nas relações que permeiam a vida em seus mais variados aspectos e enquanto sabedoria de vida e para a vida. Utiliza-se, também, o método dialógico, por priorizar construção conjunta a partir de uma revitalização de saberes ainda remanescentes na cultura popular e comumente não aceitos pela comunidade científica, dada a vigência do paradigma cartesiano, fragmentador, simplificador e técnico.

1. **BIOSOFIA COMO APRENDIZADO CONSTANTE, INTEGRAL, DIALÓGICO E SOLIDÁRIO**

Nos tempos em que vivemos, tempos que também, passiva ou ativamente, compartilhamos, educar enquanto missão do ensinar a aprender e, de alguma forma a viver e a desenvolver experiências e significá-las no contexto da existência – promove a mediação dos indivíduos em seus constantes/permanentes aprendizados com/nos locais de seu cotidiano, espaços por onde circula - desenvolve a capacidade de observar, pensar e fazer escolhas, evidencia a necessidade de reformular as práticas e instalar a possibilidade de ações mais reflexivas para repensar situações, compreensões e atitudes.

Na compreensão de Morin (2015, p.16-7, apud Schäffer e Cassol, 2020, p. 4) podemos caracterizar o ato de viver como permanente aventura. Nas fases e/ou ciclos de desenvolvimento estamos sujeitos a errar ou nos iludir. São situações normais ao cotidiano humano, seus processos vivenciais e experiências necessárias para qualificar-se enquanto ser e para compreender a alteridade. Nessa condição nos deparamos com os processos educativos formais – o ensino

em escolas e universidades – e os informais – apreensões do cotidiano, das vivências – em que a construção do conhecimento não comunica e não contempla a possibilidade de apresentar erros, insuficiências e hipóteses, o que possibilitaria o fortalecimento da capacidade de saber enfrentar tensionamentos.

Instaurar o conhecimento do conhecimento desde os primórdios das formações individuais e coletivas, formais e informais, com vistas a estabelecer uma cultura da valorização do aprendizado, do conhecimento, da ciência e emotividade sugere a superação do pré-estabelecido. É neste sentido que, segundo Morin (2015, p. 20), “o erro pode ser fecundo, desde que seja reconhecido, desde que se elucide sua origem e causa a fim de eliminar sua repetição”. A consciência da contingência ensina a estar em constante aprendizado e ocupar a existência com reflexões que considerem a historicidade dos acontecimentos, da vida, das experiências e vivências e objetiva compreender o presente e poder antever, prever, desenhar e orientar o futuro; não que o passado seja o melhor momento da humanidade e, tampouco, que possa servir de âncora para os novos tempos. Mas pensar continua sendo necessário e tão fundamental quanto amar (BAUMAN, 2009), porque são dimensões inolvidáveis da vida, o sentimento, a afetividade, a racionalidade.

Considerar os erros como algo produtivo para manter a inquietação e a busca por novos conhecimentos, novas atitudes, pode construir pontes com os legados herdados e as possibilidades/dificuldades que o mundo apresenta. É a vivência da ambivalência, da contingência que abre perspectivas. Parece, por aí, transitar a dinâmica do educar, do ser, do viver, de modo que, superando as limitações atuais, a educação, a vida, os sentimentos, as experiências não sejam transformadas em instrumentos e fórmulas prontas, pré-estabelecidas aprioristicamente e padronizadas peremptoriamente. A vida

em sociedade tem oferecido “elementos (infelizmente separados) de uma cultura geral [...] com o destino dirigido de preparar ou fornecer uma educação profissional”, técnica, sem vínculos e laços de criatividade, de reflexão. Desse modo, uma educação que visualize a existência em seu sentido amplo “sofre de uma carência enorme quando se trata da necessidade primordial do viver” (MORIN, 2015, p. 23).

Nessa seara, pode-se continuar a tematizar acerca dos/as educadores/as que não devem ensinar verdades absolutas. Talvez isso seja até impossível ou maléfico pois mata as perspectivas das experiências e do desenvolvimento das reflexões pessoais que se constituem em crescimento e apossamento do espírito da autonomia, emancipação e do protanismo. O ato educativo é mais interessante quando consegue mostrar perspectivas de mudanças, inclusive as científicas que podem impactar positivamente nas relações, nas existências dos indivíduos. Compreendemos, deste modo, que viver é estar sujeito ao erro em todos os momentos e lugares onde são realizadas escolhas, mas, também que cada uma dessas escolhas tem consequências, como disse Jean-Paul Sartre sobre viver e escolher. Quando o resultado é negativo, sentimos que erramos e, a partir de então, ao analisar a situação, pode ocorrer a recomposição e a busca por aprender. Neste momento se pode crescer, superar fazer a diferença nas próximas ações. Além disso, vivemos em contato com o/a outro/a e, hábeis como a natureza e a cultura nos permitem por meio da comunicação e das capacidades e habilidades inerentes ao humano, desenvolvemos a possibilidade da empatia e iniciamos movimentos de compreensão com outros indivíduos e com as circunstâncias. A empatia se torna uma peça chave para a vida em sociedade e deve ser estimulada desde os primórdios da vida, especialmente, nos tempos que compartilhamos em que o solipsismo se agrava ferozmente por entre as

experiências humanas e contribuem para fragilizar ainda mais a condição humana.

2. SABEDORIA COMO HERANÇA, REFLEXÃO E CONQUISTA

A sociedade dos tempos que compartilhamos, na ânsia por viver e diante da carência desse que consideramos, pela sabedoria de vida – *biosofia* – um valor central, institui nova oportunidade profissional com indivíduos capacitados/habilitados para trabalhar com pessoas. Entre os requisitos, que saibam se comunicar e compreender com quem dialogam e que mantenham a ética e o respeito às diferenças, pois todos/as buscam viver bem, muito além do sobreviver; de modo que seja possível aproveitar tudo aquilo que a diversidade da vida e da existência oferecem e que seja obtido pelas conquistas. São novidades do mercado para preencher as lacunas que os indivíduos, na insuficiência do viver, resignam-se aos apelos capitalistas e submetem-se aos movimentos produtivos para aparecerem como consumidores em potencial e, desse modo, ser: consume, logo sou e para o mercado capitalista, isso é viver. Segundo Morin (2015, p. 29), “uma parcela da população está condenada a sobreviver. A maior parte vive na alternância entre o sobreviver e o viver”. Embora seja existência, não é concordância tácita no mundo da solidariedade, do diálogo e da empatia e não pode ser considerado vida, não com o sentido amplo do termo *biosofia*.

Os conceitos, na linha de pensamento dessa reflexão, inseridos na terminologia *biosofia*, estão além do estar bem e bem-estar caracterizados como condição de estar com “uma pessoa amada, em uma comensalidade amigável, próximos de uma bela ação, no meio de uma linda paisagem” (MORIN, 2015, p. 29). Esses conceitos dizem do sentido social, das condições dignas de existência, desenvolvimento integral

e possibilidades de compreender e agir no mundo e interagir coletivamente com autonomia, pensamento próprio e condições emocionais, intelectuais e materiais próprios. É possível perceber que “a palavra bem-estar foi degradada ao ser identificada com os confortos materiais e com as facilidades técnicas que nossa civilização produz” (MORIN, 2015, p.29). Vive-se permanentemente em busca de bens materiais e se esquece de viver as situações simples do cotidiano. Há dificuldades de compreender que a felicidade pode estar nos momentos simples que demonstram o quão complexo é o mundo e as relações. De acordo com Morin (2015, p.34, apud Schäffer e Cassol, 2020, p. 5), a sociedade parece deixar de lado a solidariedade e priorizar o individualismo que, apesar de ter uma dimensão relevante, acaba ampliando fortemente o seu lado mais sombrio, o do distanciamento moral, ético, político e do compromisso com o outro e com a vida.

Sentimos, então, a necessidade de “escapar da superficialidade, da frivolidade, das intoxicações consumistas, do poder do dinheiro” para estabelecer relações mais harmônicas, mais tranquilas e serenas “entre corpo, alma, mente” (Schäffer e Cassol, 2020, p. 5). Nesta linha de análise, continua Morin (2015, p. 35) a caracterizar a vida como prosa e poesia, de modo que “Podemos denominar prosa as exigências práticas, técnicas e materiais, necessárias à existência. Podemos denominar poesia o que nos coloca em um segundo estado; primeiro a própria poesia, a música, a dança, a alegria e, é claro, o amor”. Não podemos separar prosa e poesia, pois, assim como viver é preciso utilizá-las em harmonia. Razão e emoção são os mecanismos que modelam e influenciam diretamente nas decisões tomadas.

Nesse movimento entre razão e emoção, buscamos a felicidade, mas segundo Morin (2015, p. 38), “não é a felicidade que se deve buscar. Quanto mais a procuramos,

mas ela foge de nós. É preciso buscar a arte de viver, cuja recompensa são as grandes e pequenas felicidades”. Assim, sabemos que a “A Filosofia deveria deixar de ser considerada como disciplina para se tornar motor e guia do ato de ensinar a viver” (MORIN, 2015, p. 39). E nesse ponto Morin (2015) dialoga com Bauman (2009) que compreende a vida como arte.

Se fazemos escolhas e a vida depende delas, então, “a necessidade da dúvida aumentou em nossa época, quando informações falsas, rumores, calúnias não são veiculados apenas pela boca a boca, mas propagados com uma velocidade e uma amplitude extraordinárias pela Internet” (MORIN, 2015, p. 43). A vida corre riscos porque a contingência, a precariedade das verdades, a frugalidade das certezas e a fragilidade dos conhecimentos herdados, demonstram que “a incerteza sobre o futuro da humanidade decorre, principalmente, do rumo incontrolado e impensado dos processos técnicos, científicos, econômicos, ligado às cegueiras que nosso conhecimento parcelar e compartimentalizado produz” (MORIN, 2015, p. 50). Essa reflexão pode auxiliar no âmbito da *biosofia*, a compreender que, no mundo compartilhado, no embalo da ciência e da educação, “não se elimina a incerteza, negocia-se com ela” (MORIN, 2015, p. 21). É é nesse horizonte que o diálogo aparece e incorpora o diferente, o outro/a outra que deixa de ser ameaça e assume a dimensão da demanda, do eco pela vida com sabedoria.

O ser humano vive em sociedade desde os primórdios da constituição da humanidade, quando, de alguma forma só percebia biologicamente sua vulnerabilidade. A vida em grupo, por isso, lhe proporcionava mais segurança, garantia de alimentação e proliferação. Com o passar do tempo percebeu a necessidade de organizar e coordenar as ações do grupo de forma que um contingente maior fosse beneficiado. Para Figueiredo (2008, p. 1),

Aristóteles, que viveu entre os anos de 384-322 a.C., já afirmava que o homem é um animal político, o que remete à sua natureza social. Um século antes dessa afirmação, Heródoto, historiador grego, e Sófocles, um dos mais importantes escritores da tragédia, também já afirmavam que o homem sem a polis (cidade-Estado na Grécia antiga) teria um destino trágico, pois, embora seja um ser independente, sua existência só teria sentido com a convivência social.

Considerado um ser sócio-político, pode-se compreender o ser humano como impossível no isolamento, pois, “fora do ambiente social, a existência do homem [e da mulher] será sempre uma abstração, pois é dele [do ambiente social] que ele [o ser humano] retira os meios de aprimoramento da vida coletiva, quer material, moral ou ético”. (FIGUEIREDO, 2008, p. 1).

Ao nos voltarmos para a Grécia antiga, surgem os conceitos de ética e moral, que norteiam, até hoje, ou, pelo menos, preoocupam ou ocupam o modo de ser e conviver em sociedade, entre os humanos. Neste sentido, queremos compreender que

A palavra ‘ética’ provém do adjetivo ‘ethike’, termo corrente na língua grega, empregado originariamente para qualificar um determinado tipo de saber. Aristóteles foi o primeiro a definir com precisão conceitual esse saber, ao empregar a expressão ‘ethike pragmatéia’ para designar seja o exercício das excelências humanas ou virtudes morais, seja o exercício da reflexão crítica e metódica (praktike philosophia) sobre os costumes (ethea). Com o passar do tempo, o adjetivo gradualmente se substantiva e passa a assinalar uma das três partes da filosofia antiga (logike, ethike, physike). (GONTIJO, 2006, p. 128).

A partir de Gontijo, percebemos que a ética se reflete no cotidiano das existências, nos momentos em que ocorre a reflexão sobre situações vivenciadas e nas compreensões que impulsionam os indivíduos para agir com sabedoria, para analisar as formas mais qualificadas de agir e reagir, para res-

peitar e compreender o outro/a outra. Verificamos, dessa forma, com Gontijo (2006, p. 129), que

[...] a palavra ‘ética’ passou a designar, na tradição filosófica, tanto o objeto de estudo de uma disciplina quanto o estudo do objeto. ‘Ética’ significa, portanto, tanto a disciplina que reflete criticamente sobre o saber ético encarnado nos costumes e modos de ser, como esse próprio saber. O mesmo se verifica com a palavra ‘moral’, que servirá para designar tanto o objeto de estudo — a moral — quanto o estudo crítico do objeto — a Filosofia Moral.

Ao pensarmos em moral, “[...] termo de origem latina”, estamos nos referindo ao “sentido substantivo [que] implica em codificação de regras, leis, normas, valores e motivações que governam o agir e a conduta humana”, escreve Manoel Rezende, em Editorial para a Revista Paraense de Medicina, em setembro de 2006. Se analisarmos essas duas situações, identificamos que elas estão sempre juntas e orientam a vida em sociedade, ou seja, são sinônimos. Portanto é a partir dessas construções teóricas e de sentido que se embasam as noções de certo e errado que irão designar as ações humanas e as suas consequências.

Essas duas concepções, grega e latina, refletem o uso de virtudes ou vícios, pois uma se apresenta como contrária à outra ou, pelo menos, paradoxal, pois, as virtudes são mais positivas e, segundo Figueiredo (2008, p. 4),

[...] podem ser classificadas pela forma de aquisição: intelectuais e morais. As virtudes intelectuais são resultados do ensino, são muito artificiais, por isso precisam de experiências e tempo para formar o caráter. As virtudes morais são adquiridas pelo hábito, costumes ou experiência. Não são inatas, são adquiridas pelo exercício das práxis, com o convívio social, ou seja, com a disposição de viver com ou conviver com os outros.

Ao discutirmos os termos ética e moral, nos referimos às convivências, às so-

cializações de todo e qualquer ser humano que, ao relacionar-se e interagir com seus semelhantes, deve poder compreender e saber como manter uma boa relação baseada no respeito, na equidade e na empatia. O termo empatia nos traz uma reflexão acerca do que é superar a condição egoísta, individualista, pois a

[...] relação interpessoal é própria dos seres humanos, na medida em que, por via desta relação intersubjetiva, o ser humano apreende a si mesmo e ao outro como pessoas, bem como, graças a ela, é capaz de apreender a camada humanizada do mundo enquanto unidade de objetos com sentidos compartilháveis. (RANIELI; BARREIRA, 2012, p.13).

Ao viver e conviver com outros seres humanos, o indivíduo aprende consideráveis significações a partir de suas experiências e interações e as repassa para os/as outros/as a partir da comunicação que pode ser verbal ou não-verbal. É necessário estar atento a essas manifestações de comunicações, pois

[...] os seres humanos, em sua complexidade, muitas vezes transmitem sem perceber uma mensagem verbal diferente da mensagem corporal, o que poderá dificultar a compreensão da sua mensagem. O nosso corpo fala todo tempo, nas expressões do rosto, olhares, gestos, posturas, tom e ritmo da voz. Por isso, é mister que entendamos a linguagem não-verbal. (SCHELLES, 2008, p.1).

Nos processos de comunicação que têm aproximado e distanciado, também, os indivíduos, faz-se necessário estar atento às manifestações corporais também, não somente às palavras. Em determinadas situações pode ocorrer que, independente da intenção do interlocutor, podem ocorrer alguns golpes, ruídos, não sintonias, na comunicação e se desenvolvam, mesmo que sem querer, estranhamentos ou desentendimentos com quem está no entorno ou envolvido no diálogo.

Nessas relações, percebemos o quanto a subjetividade se manifesta de formas diferentes, particulares, pessoais e pode, quando se assumem as possibilidades humanas de crescimento pela abertura, acolhida e aproximação, qualificar a existência da coletividade. Quando pensamos na constituição do ser humano e sua subjetividade, facilmente remetemos aos momentos iniciais da existência, ou seja, à infância. Ao nos voltarmos a esse ponto, nos deparamos com a situação de influência e importância do/a professor/a e da educação, tanto na escola, quanto fora dela.

Segundo Morin (2015), o educador possui a missão de ensinar a aprender a viver, pois faz a mediação do/a educando/a com os locais onde ele/ela circula e desenvolve a capacidade de observar situações cotidianas e apreender desde esses lugares, conceitos e, com eles, viabilizar reflexões. Assim:

Viver é viver como indivíduo, enfrentando os problemas de sua vida pessoal, é viver como cidadão de sua nação, é viver também em seu pertencimento ao gênero humano. Certamente, ler, escrever, calcular são coisas necessárias ao viver [...]. Cada vez mais, porém, falta a possibilidade de enfrentar os problemas fundamentais e globais do indivíduo, do cidadão, do ser humano. (MORIN, 2015, p. 15-16).

É visível a atual necessidade de reformular a prática pedagógica realizada nos centros educacionais e as atitudes educativas, portanto, oficiais/formais e não-formais para que possibilitem/favoreçam ações mais reflexivas voltadas a modificações de situações que manifestam ideais de cidadania, desenvolvam sensibilidade e tenham condições de autenticar movimentos no esforço de compreender os indivíduos e começar a criar a consciência de que há mais pessoas, mais homens e mulheres para além da nosso círculo restrito, da nossa época e da nossa capacidade de ver. Esses outros e

outras, como diz o Papa Francisco (2020), também devem ser motivo de preocupação ética e moral dos nossos aprendizados e de nossos conhecimentos, portanto, da educação formal – nas escolas – e informal – nas famílias, nas comunidades.

Para Francisco (2020, § 27. Aspas no original), em nossos tempos,

Reaparece «a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta esta alteridade».

Diante disso, parece ser necessário instaurar o conhecimento do conhecimento desde os primórdios dos aprendizados e das relações, afim de estabelecer uma cultura voltada a valorização de aprendizados em todo e qualquer lugar, superando o que está pré-estabelecido. Nesse sentido, conforme Morin “[...] o erro pode ser fecundo, desde que seja reconhecido, desde que se elucide sua origem e causa a fim de eliminar sua repetição” (2015, p. 20). Reconhecer e considerar o erro como algo produtivo, que pode ser usado para manter a inquietação e a busca por novos conhecimentos.

Percebemos a necessidade de que

[...] nossa educação ofereça instrumentos para viver em sociedade (ler, escrever, calcular), ofereça elementos (infelizmente separados) de uma cultura geral (ciências da natureza, ciências humanas, literatura, artes), destine-se a preparar ou fornecer uma educação profissional [...]. (MORIN, 2015, p. 23).

Parece que Morin indica a necessidade de se compreender que a educação vai muito além dos simples conteúdos, das disciplinas; ela necessita ser humanizada, voltar-se a construção de olhares críticos e reflexivos acerca das realidades com as quais opera. Inclusive, compreender que o erro é

inerente ao ser humano, nasce com ele e perpassa toda a sua vida ao seu lado. Contudo, a partir dele deve-se refletir, analisar e perceber as mudanças que devem ser feitas na existência para não voltar a repetir gravidades tanto com prejuízo pessoal quanto coletivo.

Educadores/as, em relações de aprendizado dialógicas, precisam se concentrar em mostrar que tudo está sujeito a mudanças, até mesmo os conhecimentos científicos. Com o avanço da ciência isso ocorre muito frequentemente e deve ser considerado nos processos educativos, mostrando que a pesquisa e a busca pelo conhecimento nunca terminam, precisam ser realizadas continuamente. Percebemos isso em Morin (2015, p. 24), quando propõe:

[...] não uma receita, mas os meios de despertar e incitar as mentes a lutarem contra o erro, a ilusão, a parcialidade, principalmente, os meios típicos de nossa época de errância, de dinamismos incontrolados e acelerados, de caráter obscuro do futuro, dos erros e ilusões que na crise atual da humanidade e das sociedades são perigosos e talvez mortais.

É interessante compreender que viver é estar sujeito ao erro. Em todos os momentos e lugares fazemos escolhas e cada uma delas terá consequências. Quando o resultado é negativo, sentimos que erramos, devemos analisar a situação e aprender, de forma que possamos, ao aprender com o erro, buscar algo diferente, novas atitudes, novas possibilidades à luz da ética e da moral. Além disso, vivemos em contato com o/a outro/a, com o coletivo. Vincula-se, desse modo, um compromisso mútuo – aí também está a moral e a ética – exigente de que cada vez mais as pessoas pensem empaticamente, busquem compreender o próximo e as situações que enfrentam.

O simples, segundo o Professor Casol (2020), simples são os vínculos mais primordiais, fundamentais das relações complexas, aqueles que sustentam as teias da

complexidade. Compreendê-los, estudá-los e sabê-los é condição para a sabedoria que revela a potencialidade da grandiosidade que a existência, a vida, as relações, situações, ideias e coisas em sua complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na *biosofia*, aparece uma pergunta básica: por que uma tradição filosófica não dialoga com a outra? Se não há diálogo não se está na pós-modernidade. Aprender a desconstruir. Desconstruir o quê e para quê? Na definição desses elementos, está a sabedoria: identificar quando, como, por que, onde, quem, sob quais condições... O que se põe no lugar do que foi retirado? Um novo paradigma, nova centralidade dinâmica? Desse modo, propomos compreender *biosofia* não no sentido fechado, mas que tenha coerência, trajetória, sem pretender totalizar, fechar um sistema novamente. Coerência de diálogo de abertura, de ações, nos diversos setores da vida humana. Há quem se diga filósofo e não dialoga; coloca-se dono das teorias, uma espécie de divindade dada sabedoria, do conhecimento. Porém, a *biosofia* nasce na humildade do reconhecimento do outro, do diálogo, do diferente, da insuficiência, da generosidade compreensiva das contribuições já históricas e das possibilidades de doação, de doação mútua, onde reside a solidariedade. *Biosofia* é coerência, comprometimento, fraternidade, cuidado. Isso é sabedoria de vida. Não estabelecida em paradigmas, mas meta-paradigmas. Coerência de reflexão, de diálogo, de compromisso. Sabedoria é aliar tempo da vida e tempo do trabalho. É preciso cuidar da terminologia, práxis: prática tem momento de teoria e teoria tem momento de prática e esses cuidados científicos, acadêmicos, intelectuais, nos permitem superar ou, pelo menos, reconhecer a condição de ingenuidade para ter consciência de que há grupos com interesses distantes e distintos da biosofia. É preciso, então, olhar

a realidade, analisá-la e atuar nela.

Constrói-se, nessa reflexão, um pensar para agir e a partir do agir, do caminhar, abertura para pensar, para teorizar, para viver. Um complexo de concepções e de ações. Pode e deve se eleger bandeiras para problematização e para ação; agendas que não se distanciem da condição humana e da dignidade que deve significar o existir de homens e mulheres. Não se pode pensar sem reflexo social e, nesse contexto, a ação biosófica precisa ser compromisso pessoal, uma espécie de “comigo mesmo”, “com minha família”, “na minha comunidade”, “no meu trabalho”, “na minha região”, “com as nossas necessidades”. O coletivo envolve o indivíduo, envolve a todos. *Biosofia*, sabedoria para a vida, com vida, da vida, no interior e fora das diferentes concepções. É preciso criar condições que vinculem, que comprometam para ações de responsabilidade e atitudes que olhem a vida como horizonte último. As questões existenciais não podem ser separadas das transcendentais. O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico; é emotivo, intelectual, racional. Esta unidade complexa, a natureza humana, se produz, no mundo que compartilhamos, desintegrada na formação e na ação da educação por meio de disciplinas separadas, fragmentadas, técnicas que não fluem para a energia da vida, para a dinâmica da existência torna-se impossível aprender o que significa ser humano, lembra Edgar Morin.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- CASSOL, Claudionei Vicente. **Encontro do Grupo Biosofia em 25 de setembro de 2020**.

FIGUEIREDO, Antônio Macena. Ética: origens e distinção da moral. **Saúde, Ética & Justiça**. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.1-9, junho, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli tutti**. Disponível no endereço: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em outubro de 2020.

GONTIJO, Eduardo Dias. Os termos “Ética” e “Moral”. **Mental**. Barbacena, v.4, n.7, p.127-135, novembro, 2006.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: Manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RANIERI, Leandro Penna, BARREIRA, Cristiano Roque A. A empatia como vivência. **Memorandum**. Belo Horizonte, Ribeirão Preto. V. 23. N.1. P. 12-31, outubro, 2012.

REZENDE, Manoel Barbosa de. Ética e moral. **Revista Paraense de Medicina**. Belém, v.20, n.3, p. 1-2, julho-setembro, 2006.

SCHELLES, Suraia. A importância da linguagem não-verbal nas relações de liderança nas organizações. **Esfera**. N.1.P. 1-8, janeiro-junho, 2008.

SCHÄFFER, Gabrieli; CASSOL, Claudionei Vicente Cassol. **BIOSOFIA: breve ensaio conceitual sobre viver com sabedoria**, in. I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC), XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED). Disponível em <file:///C:/Users/Usu%20C3%A1rio/Downloads/18740-Texto%20do%20artigo-52225-1-10-20201230.pdf>
?